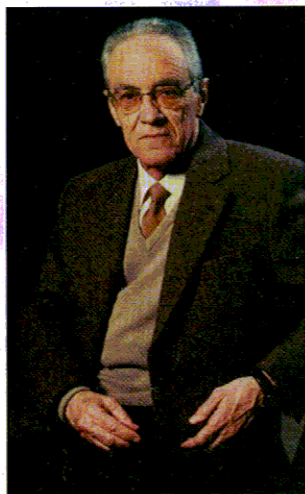


DRAMATURGO EM CONSTRUÇÃO

POETA, DRAMATURGO E ENSAÍSTA, JAIME SALAZAR SAMPAIO
ALERTA-NOS PARA O JOVEM RICARDO BOLÉO
E O SEU TRABALHO NOS PALCOS



JAIME SALAZAR SAMPAIO

Jaime Salazar Sampaio (n. 1925, em Lisboa) escreveu numerosas peças de teatro, reunidas em *Teatro Completo*, editado em cinco volumes (o último ainda no prelo), pela Imprensa Nacional Casa da Moeda. Sobretudo nos anos cinquenta publicou diversos textos breves, na fronteira entre a poesia e a prosa de ficção (estando representado em algumas antologias conotadas com a Poesia Concreta ou Experimental). Engenheiro silvicultor de formação, publicou o primeiro livro, "Em Rodagem", em 1949.

Seguiram-se, entre outros, "Poemas Propostos" (1954) ou "O Silêncio de um Homem" (1960). Foi também tradutor e colaborador da revista *Contraponto*. Em 2007 saiu "As Primeiras Palavras Foram de Amor", antologia de textos poéticos e, já em 2009, "Lanterna Mágica", que reúne 23 peças de Salazar Sampaio, ambos editados pela Dimensão 6.

Apostar é correr um risco. Sempre. Mas ao apostarmos num jovem escritor que apenas deu os primeiros passos, o risco é de tal forma elevado que só vale a pena corrê-lo se a intuição nos puxar pela manga do casaco, a dizer que sim, que há motivos para termos... uma certa esperança. E foi mesmo isso que me aconteceu – o tal puxanço pela manga do casaco – ao aproximar-me pela primeira vez do Ricardo e de uns quantos exemplos da sua escrita. Li e reli o que havia para ler (*Poesia e Teatro*) mas, acima de tudo, conversei com ele, pois era o Ricardo – ele mesmo! – que eu precisava de conhecer um tanto melhor, que isto de jovens com um certo talento, há por aí às dúzias, mas nem todos merecem o talento que lhes coube em sorte e em breve desandam por outros caminhos. Fazem muito bem, é claro, vão à sua vida, mas não é neles que eu pretendo apostar.

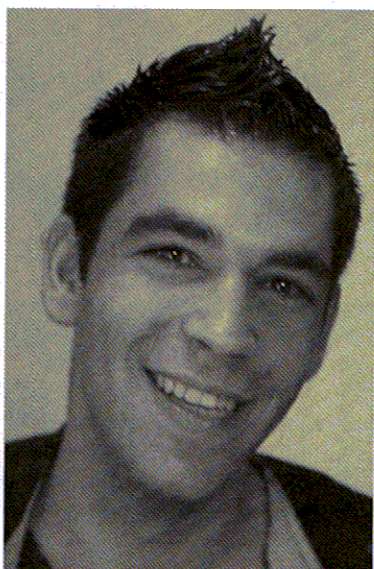
Felizmente que a imagem do Ricardo começa a parecer-me bem mais positiva: vejo-o como um jovem que pretende escrever teatro e está disposto a pagar o preço; avalio-o como um corredor de fundo, preparado para as voltas e as reviravoltas da estrada que deseja percorrer. Perguntei-lhe se era capaz de imaginar o futuro sem voltar a escrever uma única peça e a

sua resposta – que eu intimamente já desejava – coube inteirinha numa única palavra: NÃO!

Temos homem!, decidi.

Mas até hoje, o que é que ele já fez como escritor? Em matéria de poesia – e é por aí que o Ricardo começa – publicou um livro: "Segredos" (Editorial Minerva, 2007) e tem nas gavetas – e mesmo nos bolsos, ao que eu suponho – numerosos inéditos. Não sei se um dia virá ou não a ser um poeta notável e, segundo me parece, ele também não tem a certeza. De qualquer modo, e seja qual for o futuro desta sua aventura poética, uma coisa me chamou a atenção: nos poemas que fui lendo, há por vezes passagens reveladoras do forte interesse do Ricardo pelos problemas existenciais.

Mas abandonemos, de momento, o campo da poesia e ocupemo-nos um pouco de Teatro, onde o Ricardo já tem no seu activo algumas realizações concretas. Uma delas ("Temperatia – Estou de Dieta") resultou de uma encomenda e já subiu à cena do Teatro da Trindade. Pretensamente fútil, trata-se de uma peça sobre um problema que, nas sociedades modernas, tem muito "peso": a obesidade, neste caso, a obesidade feminina. O tom da narrativa é leve, pontuado mesmo, aqui e além, por episódios francamente cómicos. Duas mulheres enfrentam, cada



| RICARDO BOLÉO |

Nasceu em Lisboa, a 13 de Dezembro de 1984. Em 2007 publicou o seu primeiro livro de poesia, "Segredos", pela Editorial Minerva. Actualmente, encontra-se a frequentar a Licenciatura em Estudos Artísticos na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. "Temperantia - Estou de Dieta!" marca a estreia do autor na escrita de textos dramáticos.

uma delas à sua maneira, o facto de serem "gordinhas": uma delas vai experimentando, sem grandes resultados, as mais diversas dietas; a outra limita-se a passear alegremente pelas pastelarias a sua desenfreada gulodice. Até quase ao final da fábula, para justificarem o seu comportamento, ambas se enredam numa espessa teia de mentiras. Uma delas fala das viagens que nunca fez e dos amantes que não teve, a outra finge ser muito feliz na sua medíocre vida conjugal. Mas lá para o fim da peça, a verdade – ou, pelo menos, uma parte da verdade – triunfa, pela boca de uma das mulheres: "temos que gostar de quem somos, independentemente do que quer que seja! Temos de viver com estes corpos..."

Para além do interesse e da oportunidade do tema, a peça dispõe de vários e valiosos trunfos de natureza dramática: os diálogos são vivos, bem construídos e plenos de naturalidade, sendo a fábula contada com assinalável fluência, e um certo humor, o que permite ao espectador captá-la sem esforço; e, muitas vezes mesmo, com um sorriso nos lábios.

Após a despreocupada e agradável leitura desta "Temperantia

– Estou de Dieta!", preparei-me, ainda com um sorriso nos lábios, para conhecer uma outra peça do Ricardo, esta ainda inédita e, segundo creio, sem título definitivo, pelo que lhe chamaremos, provisoriamente, "X".

Porém, mal li as primeiras falas da primeira cena, o sorriso desapareceu. Na peça "X", o Universo era outro, muito mais severo e bem menos acessível.

Custa a acreditar que ambas as peças tenham sido escritas pela mesma pessoa, mas como é essa a realidade, o meu entusiasmo subiu em flecha: ora aí tínhamos nós um jovem dramaturgo à procura do seu caminho ou, melhor dizendo, da diversidade dos seus caminhos!

Mas afinal onde estaria a diferença entre as duas obras?

Em tudo. Ou em quase tudo.

A primeira peça é uma comédia ligeira e, na segunda, o dramaturgo aventura-se pelos labirintos de Teatro do Absurdo, começando por interpretar à sua maneira certos conceitos fundamentais, como o Tempo (que na peça "X" não é bem o dos relógios) e o Espaço (que nem sempre se conforma com a geometria).

– Na peça "X", ao contrário do que acontecera na outra, não nos é contada propriamente uma história. Fala-se, apenas. E é isso a peça. Partindo de uma situação insólita, aliás, dramaturgicamente bem delineada, as personagens, enquanto esperam por vagos e improváveis acontecimentos, vão falando da Vida, do Amor, da Morte e, neste aspecto, a peça "X"

regressa pois, de certo modo, ao Universo que caracteriza a Poesia do autor.

– Por outro lado, na peça "X" e não na outra, cada personagem, mais do que procurar conviver com as outras, serve-se delas como se se tratasse de espelhos, onde pudesse descobrir o seu próprio rosto.

Um dos temas desta peça é pois a procura do "eu". (Mas não será esse justamente um dos objectivos fundamentais de toda a escrita a que chamamos criativa?)

– Se a peça das "gordinhas", por razões nossas conhecidas, tem como destinatário provável o chamado grande público, a peça "X", pelo contrário, não passa de um exemplo típico de "teatro de câmara".

– Também ao nível da facilidade de escrita, o próprio dramaturgo já teve ocasião de observar o enorme contraste que existe entre as duas peças: se a primeira ficou pronta em dois ou três meses, a segunda, muito mais ambiciosa, tendo sido começada há uns bons sete anos, ainda necessita, quanto a mim, de bastante trabalho.

*

Ora pois, o dramaturgo Ricardo Boléo, partindo do teatro que já escreveu, tem dois caminhos à sua frente (pelo menos dois): um deles parece mais fácil de percorrer e o outro mostra-se bem mais arriscado.

Ele que decida, na altura própria, qual o itinerário que lhe convém. Não serei eu a dar-lhe conselhos, pois a minha aposta não vai até aí... ¶